

Recensão

Carlos H. Hunsche, **O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)**. 2.^a edição, revista e ampliada. A Nação. Porto Alegre 1975. 331 págs.

Embora se trate de um meticuloso trabalho de pesquisa sobre os primórdios da imigração alemã a nosso país, sua leitura é fluente e interessante, além de proveitosa. O leitor se depara com numerosos documentos da época (cartas, decisões governamentais, recomendações, contrato de fretamento de navio, listas de passageiros, protocolos, etc.), em regular número reproduzidos por meios fotomecânicos. A 2.^a edição, meio ano após a primeira, está acrescida de numerosos documentos obtidos da Alemanha, sobretudo do Arquivo Estadual de Hamburgo, que, confrontados com o material colhido no Brasil, permitem uma reconstrução acuradíssima dos canais, amplitude e motivos da imigração. Os documentos, portanto, não somente guardam o peculiar sabor de sua época, como também nos fornecem o quadro da imigração. Detalhes, às vezes mínimos, nos são agora perfeitamente conhecidos. Lacunas foram fechadas. O Dr. Hunsche nos transmite a lista completa dos barcos transatlânticos e costeiros relacionados com a imigração alemã para a colônia de São Leopoldo, listas de embarque de diversos deles, confronto com as listas de chegada, proveniência alemã, profissão, muitas vezes condição econômica (desde aqueles que “mal podiam ocultar a nudez”, passando por imigrantes de situação estável, até mesmo alguns abastados), nomes e datas de chegada de todas as 1.027 pessoas que aportaram São Leopoldo em 1824/25.

Ficamos sabendo que o interesse imperial brasileiro, nesse início, era recrutar soldados para a defesa da independência brasileira. Não sendo na Europa (do tempo de Metternich) oficialmente permitido tal recrutamento, o mesmo tinha que ser camuflado com o acréscimo de colonos. Enquanto 1.027 pessoas, dentre as quais numerosas crianças e regular número de rejeitados na praça do Rio de Janeiro, chegavam a São Leopoldo, cerca de 2.000 alemães constituíam o corpo de soldados estrangeiros no Rio de Janeiro. Mesmo a escolha do extremo sul como local de colonização obedecia, a princípio, a fins estratégicos (fronteira pouco povoada e bastante vulnerável), e já dos primeiros colonos de São Leopoldo alguns foram combater na Guerra Cisplatina.

Numerosos detentos vieram ter ao Brasil, arrolados por exemplo como “caçadores”. De regular número deles sabemos agora até mesmo seus delitos (desde furtos até deserções e homicídios) e as sentenças que cumpriam. Nem todos foram admitidos como soldados no Rio de Janeiro (Dom Pedro I chegou a medi-los por sua própria estatura, costas a costas!). Os mais fracos e enfermiços juntavam-se às levas de colonos.

Para a Cidade Hanseática de Hamburgo (e algumas outras regiões alemãs) havia vantagens palpáveis. Não só se esvaziavam algumas prisões. Uma decisão do Senado de Hamburgo nos revela que a emigração dos “ociosos” era bem vista; a preocupação ia apenas no sentido de que Hamburgo pudesse se tornar um centro de atração para marginais de outras regiões alemãs, os quais, na hipótese de não serem recrutados pelo representante plenipotenciário brasileiro, Major von Schaeffer, acabariam por, ser um peso para o fisco da cidade portuária. Contudo, que ótimo negócio para os hamburgueses proprietários de navios: as embarcações já não precisavam mais atravessar o oceano vazias, para buscar açúcar e outras mercadorias no Brasil, mas podiam ir abarrotadas de emigrantes.

Não faltam nesse livro nem mesmo episódios dignos de um romance ou filme de aventuras: o naufrágio de um barco na costa riograndense, o salvamento de seus passageiros (com exceção de dois); e sobretudo o motim a bordo do transatlântico *Germânia*, no qual participaram alguns ex-detentos emigrados, havendo oito fuzilamentos em alto-mar, após o que tripulação e passageiros entoaram hino de louvor e agradecimento a Deus... A julgar por alguns documentos, também a moralidade dos imigrantes muitas vezes deixava a desejar. As autoridades brasileiras começaram a preservar a nova colônia de São Leopoldo dos imigrantes menos recomendáveis, que eram enviados ou para a guerra ou então para a antiga e extinta redução indígena de São João das Missões, dos jesuítas, onde em pouco tempo sucumbiram ou desapareceram miseravelmente.

A figura do primeiro pastor leopoldense, Ehlers, permanece, no livro, um tanto enigmática. Teria ele tido conhecimento do plano de motim a bordo do *Germânia* e qual seu comportamento no caso? Teria havido algo mais do que rivalidades pessoais por detrás da queixa de alguns colonos de que o pastor Ehlers, se bem que pregasse a moralidade, não se comportava de acordo com ela?

Aliás, principiam aqui também os limites e as lacunas do trabalho de Hunsche. Com exceção parcial da figura do Major von Schaeffer, cuja idoneidade, altruísmo e serviço ao Brasil o autor procura destacar, e de algumas referências nas fichas genealógicas (Hillebrand, Sãnger, etc.), as pessoas por assim dizer não têm “alma”, isto é, pouco ou nada transparece de suas vidas, personalidades, convicções, atitudes e ações. A rigor, o trabalho limita-se não só aos dois primeiros anos da imigração, como também a São Leopoldo (Três Forquilhas, São Pedro de Alcântara, Porto Alegre,

São João das Missões, Guerra Cisplatina são abordados apenas marginalmente).

O interesse do autor concentra-se todo em localizar a proveniência e em traçar o caminho de viagem de todos aqueles que aportaram a São Leopoldo. Com seu desembarque às margens do Rio dos Sinos, por assim dizer, cessa o interesse, a não ser sob o ponto de vista da descendência genealógica.

Provavelmente refletindo o ponto de partida metodológico da pesquisa, o eixo do livro são as listas de imigrantes chegados a São Leopoldo, a partir de 1824, redigidas na época, pelo Dr. Hillebrand, médico e líder na colônia de São Leopoldo (falecido em 1880). A partir de então interessam tão-somente as genealogias. Muito pouco nos diz o livro sobre esperanças e frustrações, alegrias e agruras desses imigrantes (a não ser através dos registros de óbitos e nascimentos a bordo das embarcações). O leitor que faça, aqui e acolá, a suas ilações.

E, exceto uma referência, de passagem, à família como base orgânica e de desenvolvimento da colônia, nada nos é dito sobre a vida desses imigrantes na nova terra, suas atividades, sua estrutura social, suas culturas, suas habitações, sua instrução, sua vida religiosa, seu modo de viver, relações com a comunidade luso-brasileira, etc.

Dentre as correções históricas feitas pelo autor, não me parece definitiva a "prova" de que a chegada dos primeiros imigrantes alemães a São Leopoldo tenha ocorrido já antes do dia 25 de julho de 1824. A carta do Presidente provincial, posterior Visconde de São Leopoldo, embora testemunho de peso, é prova apenas indireta e por si só não consegue desfazer o peso da tradição de "25 de julho", ancorada já nas listas de Hillebrand, iniciadas pouco tempo após a chegada e com conhecimento pessoal das famílias aportadas, para as quais a data de desembarque, após meses de penosa viagem, não podia deixar de ser altamente significativa.

Em suma: o livro, presente de Natal da direção da IECLB a todos os seus pastores, merece ser lido. No entanto, seria de almejar ainda um pesquisador que com a mesma meticulosidade de Hunsche, mas também com a amplitude de horizonte equivalente à que caracteriza Jean Roche em seu "Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul", nos expusesse os primórdios da colonização alemã.

Walter Altmann